



verve

Amizade libertária

amizade libertária

émile armand

Ética dos amigos. Anotações, diálogos e poesia.

“É preciso que sejas sempre o primeiro e que superes os outros; tua alma ciumenta não deve amar ninguém além do amigo” — isso fez estremecer a alma de um grego levando-o a galgar o caminho da grandeza...”

Nietzsche

I

Só me entrego muito raramente, mas não sei me entregar pela metade, nem a 90%, nem a 99%.

Entrego-me inteiramente — “matéria e espírito” — ou me abstenho. Considero falta de confiança no amigo ser reticente ou esconder o que pensamos ao nos doar. No que me diz respeito, agir assim seria me diminuir a meus próprios olhos. Não gosto daqueles que olham



para trás depois de terem se decidido a algo. Talvez isto não esteja muito na “moda”, mas pouco me importa a moda. Do ponto de vista ético, tenho horror aos mornos. É justamente porque minha entrega está baseada na confiança em meu amigo, que qualquer sombra projetada nessa confiança me faz mergulhar na dúvida ou me reduz ao desespero. Eu me entrego e não me retomo, a não ser que perceba que coloquei minha confiança em alguém que não valia a pena. E isso só acontece quando minha confiança foi, incontestavelmente, traída. Talvez nada disso seja realista, mas gosto mais de mim desse jeito.

Não acredito que dois amigos de sexo diferente possam sê-lo de maneira absoluta caso ignorem as modalidades de sua vida sentimental-sexual. Mesmo que não ignorassem nada de suas vidas cotidianas, nos menores detalhes, se não estiverem ao corrente de sua existência nesse âmbito, é como se não conhecessem, por assim dizer, nada um do outro. A esse respeito dizem-me que é preciso ter uma grande confiança em seu amigo ou amiga para nada lhe esconder. Isso é evidente, mas o que resta da amizade se excluirmos essa grande confiança?

E dizer que bastaria uma única palavra, uma única frase, um só gesto, para que a natureza de nosso amigo se revelasse a nós sem medo. E por essa palavra não ter sido dita, a frase enunciada, o gesto realizado, um continua estranho para o outro, embora exteriormente pareçamos ser amigos íntimos. Como isso é horrível!...

“Poucos amigos, mas seguros.” Não se deve rebaixar a amizade, que nada ganha se dispersando. Muito



Amizade libertária

pelo contrário, é sobretudo nesse domínio que quanto mais se ganha em extensão, mais se perde em profundidade...

Você afirma não revelar todo seu pensamento a seu amigo por receio de afligi-lo. Mas o entristece muito mais ao se dissimular dessa maneira. E ainda acha que ele não percebe...

7 de novembro de 1939

L'Unique n°8 (março 1946)

II

A amizade se manifesta por aquilo que nos custam os gestos que realizamos por nossos amigos. Onde está a amizade quando nossos gestos de amizade não nos custam nada?...

A prova de minha amizade consistirá no fato de que farei por meu amigo aquilo que me for mais custoso, aquilo que eu não faria por mais ninguém. É exatamente na intensidade do custo que será medida a intensidade de minha amizade.

Às vezes encontramos “camaradas” que aceitam de bom grado que realizemos em sua intenção um gesto excepcional, mas que se esquivam quando um dia lhes pedimos reciprocidade. Não é apenas entre os “burgueses” que encontramos “aproveitadores”.

Ou os componentes de um casal levam em conta que são sócios em todos os detalhes de sua vida cotidiana, ou consideram que um não conta em relação ao outro. Se



eles não sabem o que o outro faz e agem cada um a seu modo, acabam não incorrendo em qualquer responsabilidade com relação a terceiros que desconhecem. Se, ao contrário, permanecem informados de seus atos e gestos, se eles se consultam, etc., sua responsabilidade em relação a terceiros, a todos os terceiros, é comum; seria cômodo demais, a seguir, esquivar-se sob pretexto de que cada um dos elementos age por sua vontade. Se fosse verdade que cada um age por vontade própria, nenhum dos elementos do casal saberia o que o outro faz...

Fico realmente estupefato quando penso na falta de escrúpulos demonstrada por certos “camaradas”, ou supostamente tais, com relação às responsabilidades nas quais incorrem ao desencadear certas ações, certos sentimentos, certos gestos. Fico chocado ao verificar como neles há por vezes pouca preocupação com a equidade. De que serve toda nossa gritaria contra a arbitrariedade, o favoritismo, os pistolões, os fura-filas?

Encontramos supostos amigos ou camaradas cujas ações nos ferem profundamente e que, quando a dor se acumula, surpreendem-se caso sejam finalmente tratados como adversários, como inimigos. Por ser determinista e considerar indefensável a noção de livre-arbítrio, não admito, entre camaradas ou amigos de verdade, uma atitude de “azar o seu”. Consiste em pura amizade ou camaradagem evitar realmente para meus amigos ou camaradas o desencadeamento de reflexos causados por minha atitude, meus gestos, minhas relações com ele, e que poderiam provocar-lhe sofrimento. Se não fiz nada para evitá-lo, cabe-me assumir minha parte de responsabilidade nesse sofrimento, e não é justificável, por parte do amigo ou camarada que me arvo ser, esquivar-me quando sou con-



Amizade libertária

vocado a apaziguar essa dor. Pois uma vez que assumi a responsabilidade, pouco importa que seja por minha falta ou a dele que sofre o amigo ou camarada em questão, não sou menos responsável por isso...

Que desilusão, após ter encontrado pela estrada companheiros com os quais pensávamos poder caminhar de mãos dadas, percebermos que eles não são os companheiros que imaginávamos. “Finalmente, com estes, enunciávamos em nosso foro íntimo, vou poder me comportar como realmente sou; nada terei a esconder ou dissimular; eles irão me compreender sem que eu precise me expressar; irão adivinhar meus desejos e nem mesmo vou precisar falar para que eles me respondam. Nenhuma nuvem irá turvar nossa amizade e, se para ser mantida em sua intensidade, esta exigir sacrifícios, não vou me poupar, nem lamentar.” E depois, certo dia, vem o desencanto: esses camaradas possuem da camaradagem uma concepção apenas “entre-aberta” — possuem um companherismo com reciprocidade limitada. “Só até aqui, e não mais adiante”; e azar se essa restrição nos colocar à beira da ruína moral!...

Estamos tão acostumados à inconseqüência dos escritores em suas vidas cotidianas, e que eles sejam diferentes daquilo que exibem publicamente, que quando encontramos alguém que se mostra tal como se descreve, nem sabemos mais o que pensar. Antes de nos ligarmos a tal ou qual pessoa que, por exemplo, baseia suas relações com os amigos na reciprocidade dos gestos e das ações, não admitindo que a amizade possa causar dor, e recusando o “azar o seu” em matéria afetiva; ou na ruptura no âmbito sentimental sem consentimento mútuo, ou na ausência de ternura ou outras manifestações compatíveis como consequência da amizade, etc; deveríamos ter suficiente bom



senso para prever, antecipadamente, que é sobre nós que pode recair sua escolha para a aplicação de tais teses, e simplesmente porque seu determinismo o leva a isso. Em seguida qual razão poderíamos invocar para afirmar que ele poderia ter escolhido alguém diferente de nós? Seria necessário, em primeiro lugar, evitar fornecer a seu determinismo a oportunidade de se manifestar sobre nós.

Será possível acreditar que eu me regozije tanto quanto parece com o fato de que Chloé se sacrifique e renuncie a meu afeto, quando ela sofre tanto com minha frieza? Meu egoísmo não se satisfaz de forma alguma com esse sacrifício. E é porque sei disso, eu que recuso a me sacrificar e aceito seu sacrifício, que me sinto humilhado e me desprezo em meu foro íntimo...

2 de janeiro de 1940
L'Unique n°8 (março 1946)

III

Sem dúvida, é possível modificar nossa conduta, mudar de atitude com relação a um camarada, etc., mas a boa camaradagem postula que antes de agir nos perguntemos se não estaremos lesando tal camarada de uma maneira ou outra, ou se essa mudança de atitude não o fará sofrer. Não faria parte da boa camaradagem que, antes de modificarmos nossa atitude, colocássemos esse camarada em condições tais de modo a não lesá-lo ou feri-lo com isso?...

Considero, quando a afeição manifestada por um não recebe retorno da parte do outro, que a boa camaradagem exige, entre dois camaradas que se estimam mutuamen-



Amizade libertária

te, uma explicação leal e fundamental, explicação tendo por objeto o contra-exame profundo das causas últimas da afeição ou da não afeição de que se trata. Esse contra-exame deve necessariamente levar à eliminação das causas da não-afeição (entre camaradas de verdade, é claro), pois a camaradagem não significa nada se ela não suprimir as causas de desentendimento...

Nenhum humano em posse de sua sensatez irá admitir que a boa camaradagem ou a amizade crie ou cause sofrimento, mágoa, dor; elas devem criar alegria, contentamento, satisfação — do contrário, para que servem? A boa camaradagem, a verdadeira amizade, nunca é carregada negativamente, mas positivamente — elas tendem à construção, não à destruição. A amizade, a camaradagem que geram amargura, azedume, privação, tristeza, negam a si próprias...

A aplicação do princípio da reciprocidade libera aquele a quem prestamos serviço de se sentir como se estivesse recebendo uma esmola...

Certamente ter vários amigos, mas desde que se mantenha entre eles a balança igual. Sem o sistema de balança igual, tudo é arbitrariedade ou capricho, crueldade ou falta de delicadeza.

Fiz tudo para que Clorinda renunciasse ao amor que ela sente por mim. No entanto — e nisso errei — continuei a frequentá-la. Ora, ela persiste em pedir que eu a ame, a solicitar minha atenção — a ideia que tenho da amizade implica em que eu ceda, pois, a meu ver, a amizade postula sempre vontade de entendimento...



Vamos supor que eu faça tudo a meu alcance para apresentar um amigo a uma amiga (ou vice-versa), e que um dia, recorrendo a ele ou a ela para pedir um esforço análogo, receba uma recusa — não seria justo que eu me considerasse explorado?

Se um camarada me convidasse a uma refeição e oferecesse a todos os convivas, menos a mim, uma sobremesa que aprecio especialmente, será que ele estaria agindo comigo como um bom camarada, como um verdadeiro amigo?...

Faço um contrato com um camarada. Suas cláusulas não são de forma alguma as que eu desejaria que fossem. Apesar disso eu o assino, pois assim eu me afirmo como parte. Quem poderia me censurar se eu me esforçasse por melhorar essas cláusulas, de maneira a poder me afirmar totalmente?

Que amizade é essa, que recusa a entrega de sua pessoa? Ou que humilha o amigo ou o trata como parente pobre? Ou como um mero sobressalente?

“Prefiro — me diz Séraphine — não receber sua amiga em casa a ter o mais mínimo sentimento de que ela pudesse se sentir humilhada aqui, de qualquer forma que fosse. Se ela nos visitar, na verdade nossa casa será a casa dela. Quanto a mim, durante sua estadia, irei me comportar como se fosse uma visita na casa dela. Se você não puder me garantir que todo o seu esforço será no sentido de realizar isso, é melhor que ela não apareça aqui, pois minha aflição seria grande caso eu fosse tomada pela menor suspeita de que ela estaria nutrindo o sentimento, mesmo por um instante, de que em qualquer coisa você me prefira a ela.”



Amizade libertária

Malvina se queixa a mim do comportamento de certos, por assim dizer, camaradas ou amigos não somente em relação a ela, mas também com respeito a algumas de suas companheiras. “Não é nada — ela exclama irritada — daquilo que o senhor tinha descrito quando falava ou escrevia sobre a amizade ou a camaradagem; o senhor descrevia ambas como sempre dispostas a compreender, a cuidar, a consolar, e não a mostrar um semblante duro, não a exibir uma máscara de indiferença, não a causar lágrimas, ansiedade, tormentos, a tortura sentimental!” Respondi que não aceitava a responsabilidade pelos gestos e atos daqueles que desnaturavam, falsificavam, caricaturizavam ou prostituíam (ao não se servir delas para objetivos mais ou menos confessáveis) minha ideia de amizade, minha concepção de camaradagem...

Que pretexto poderia ser invocado para nos aconselhar a abrir mão do ódio por aqueles que destroem o palácio que havíamos edificado na solidão de nosso pensamento? Seria pedir demais àqueles cujo coração foi arrebatado ao presenciar a ruína de tudo que era caro à sua alma: a paz, o afeto, a ternura, o amor. Não, não podemos mais considerar como um camarada, como um amigo, quem quer que tenha destruído nossas esperanças mais profundas, nossas aspirações mais entusiásticas, lançando-nos ao desespero e à dúvida. Talvez fosse suficiente dar uma mãozinha, uma única mãozinha para impedir a ruína do edifício — e essa mãozinha nos foi recusada. Não! Aquele que se mostra implacável, inexorável, insensível quando pedimos ajuda, não é, não é mais um amigo, um camarada. Daí em diante, ele não passa de um torturador, nosso pior inimigo.



Às vezes me acontece de prestar um favor e acontece também do destinatário não me colocar a par das conseqüências de meu esforço em sua intenção. Ou então que ele faça isso de má vontade. No entanto, ninguém me obrigou a tal esforço ao qual eu talvez tenha sido levado apenas por razões que figuram entre as que a razão ignora. Sinto-me então como um limão que é jogado no lixo depois de terem extraído todo seu suco...

L'Unique n°8 (março 1946)

IV

Noutro dia, perguntavam-me o que eu entendia por amizade, pois, segundo dizem, coloco esse sentimento (ou essa atividade, se assim quisermos) sobre um pedestal. Inicialmente, coloco como princípio que a verdadeira amizade implica que o amigo chegará a dar sua vida por seu amigo, ou sem isso ela não seria uma amizade sincera. Não, a amizade não é um sentimento amorfo de afinidades intelectuais, uma vaga necessidade de frequentar seu próximo. É uma vida onde uma confiança mútua e infalível nos liga um ao outro, tanto no plano do pensamento quando no do coração. A ideia de nos recusarmos ao amigo quando ele nos faz apelo — é alheia à amizade. Nunca cansamos de encontrar o amigo, de conversar com ele. Sempre temos algo a lhe dizer que não tínhamos imaginado da última vez. Contamos as horas que separam cada encontro. Não existem segredos para o amigo. Ele conhece tudo de mim, e eu conheço tudo dele. Ele chora



Amizade libertária

e ri com você; ele sofre e se alegra com você. A simples suspeita de um gesto ou uma palavra que cause dor ao amigo é desconhecida na amizade. Bem mais, estamos sempre nos perguntando o que poderíamos inventar para dar mais alegria ao amigo, e receamos não ter feito o bastante. A amizade é uma espécie de egoísmo que encontra sua afirmação e sua consumação na satisfação completa do egoísmo de cada um daqueles que ela reúne. Eis como compreendo a amizade e mesmo este esboço está muito aquém do quadro que pinto em meu foro íntimo.

Certamente, na amizade que não seja superficial, na amizade tal como a concebo, entra muita compaixão e piedade, mas não aquela compaixão e piedade que humilham e que não passam de um desejo de se liberar de um sofrimento incômodo para seu próprio egoísmo. A compaixão e a piedade que integram a amizade não têm nada em comum com a caridade; elas são enobrecedoras e criativas, e não aviltantes ou negadoras, elas emanam do coração e não do cérebro; elas consolam, elas curam, elas tornam mais leve o fardo da dor de viver; elas instauram uma atmosfera de alegria, de contentamento, de felicidade, de ternura, de afeição, de amor infinito que nenhum obstáculo ou incompreensão desgosta, enfraquece ou desencoraja. Uma atmosfera de egoísmo puro onde cada participante do contrato de amizade encontra a plena satisfação de seu egoísmo. Em uma palavra, elas criam uma atmosfera onde não há lugar para o sofrimento. É por isso que a amizade que não provém, exclusivamente, do coração não passa de uma amizade truncada e mutilada. Que essa amizade só seja praticável num meio restrito, entre “seres de exceção”, estamos completamente de acordo. E é isso que não se pode deixar de considerar.



Talvez zombem de mim, e eu seja acusado de não pertencer a meu século, taxado de iluminismo. Não me importo. Prefiro — visar mais alto que mais baixo — os cumes aos *bas fonds*, a água corrente dos riachos à onda dos mares mefíticos. Aceitem-me como sou, com meu incurável utopismo, como vocês dizem, ou não se aproximem. Qualquer concepção de amizade inferior a essa deixa meu coração insatisfeito.

L'Unique n°8 (março 1946)

V

Diálogo

A. E então, você continua ocupando seus momentos de lazer com a releitura dos “Ensaio”?

B. Sim, e tiro disso “assaz” proveito moral. Justamente, ontem, eu estava lendo o capítulo XII do 1º livro, capítulo que Montaigne consagra à Amizade.

A. Sei que se trata de um dos mais notáveis tratados já compostos sobre a amizade. Raramente encontramos vínculos tão íntimos e estreitos quanto os que uniam Montaigne a La Boétie.

B. O próprio Montaigne reconhece isso, pois considera a amizade entre eles tão inteira e perfeita, que quase não existem exemplos semelhantes.

A. De fato, lembro que ele escreve que já seria muita sorte caso isso acontecesse uma vez a cada três séculos.



Amizade libertária

B. Aliás, Montaigne admite que há outras amizades, que ele qualifica de “comuns”. São apenas, ele explica, convivências e familiaridades, produzidas por circunstâncias ou comodidades. Ele também demonstra bastante desconfiança em relação a essas amizades de segunda ordem, e aconselha que nos comportemos com prudência a seu respeito; tanto que é preciso, no que se refere a elas, amar nosso amigo como se algum dia fôssemos odiá-lo e odiá-lo como se um dia fôssemos amá-lo; ele qualifica esse preceito — que ele toma de certo Chilon — de abominável, mas considera-o “salubre” nas amizades ordinárias e habituais, amizades às quais ele aplica o seguinte dito de Aristóteles: “ó meus amigos, não existem amigos.” Sentimos desprezo por essas amizades de segunda ordem, assim como pelos benefícios e favores que comportam e ele os confronta triunfalmente com a amizade eminente e soberana que o ligava a La Boétie, na qual eles não guardavam nada para si próprios — “nada que fosse ou seu ou meu.”

A. Alguns censuraram Montaigne por ter colocado a amizade acima do amor, em particular do amor familiar e conjugal.

B. Trata-se de compreender Montaigne, que está considerando apenas o amor entendido fisicamente, desejo que perde sua intensidade pelo gozo. A amizade, pelo contrário, alimenta-se, eleva-se, cresce pelo gozo, pois ela é de ordem espiritual e se refina com o uso. Quanto ao amor filial, que se funda principalmente no respeito, ele cita, de modo bastante brutal de acordo com o espírito de seu tempo, Aristipo, junto ao qual insistiam quanto à afeição que ele devia a seus filhos, já que estes tinham saído dele: Aristipo pôs-se a cuspir e respondeu que seu cuspe



também tinha saído dele, assim como saem os piolhos e os vermes. Cita também outro, que Plutarco queria induzir a se reconciliar com o irmão: “Não o trato de forma diferente só por termos saído do mesmo buraco.”

Montaigne, em resumo, considera que as relações criadas pelo sangue têm contra elas o fato de não serem escolhidas; podemos sentir antipatia por nosso pai ou irmãos, não ter qualquer ponto de contato moral com eles, etc. É por isso que situa a amizade num patamar superior, obra de eleição, que não é ditada nem pela lei nem pela natureza, mas que emana da “liberdade voluntária”.

A. Montaigne não mostra um pouco de desprezo pela mulher quanto à compreensão da amizade tal como ele a entendia? “Calor geral e universal, constante e tranquila; inteiramente doçura e gentileza, sem nada de áspero ou cortante” — são esses, se me recordo, seus próprios termos...

B. De fato, Montaigne considera que a “suficiência ordinária” das mulheres torna-as impróprias a esse tipo de amizade, a alma delas não lhe parece firme o bastante para “sustentar o aperto de um laço tão urgente e tão durável”; de acordo com ele, o sexo feminino não conseguiu ainda chegar à concepção do amor físico aliado à amizade, ou seja, “por inteiro”; sua concepção do amor implica que ele se esvaneça e se torne lânguido ao transformar-se em amizade. O autor dos *Ensaaios* escreve com o espírito de seu tempo; acredito, por minha parte, que haja mulheres (e talvez mais numerosas do que possamos supor), capazes de amizade no sentido entendido por nosso célebre ensaísta e mesmo bastante capazes de aliar o amor sentimental e carnal à amizade “espiritual”. Muitos exemplos poderiam ser citados.



Amizade libertária

A. Você nunca irá dizer que a mulher possa estar errada... Você sempre a justifica.

B. Nem sempre, você bem o sabe. Você conhece minha aversão pela mulher frívola e cabeça de vento, pela coquete, pela sedutora, pela mulher que corre atrás de aventuras, pela prostituta benévola ou assalariada; mas, nesse caso, será que o homem alguma vez buscou, em suas companheiras, “amigas” no sentido entendido por nosso autor? Será que no mais das vezes ele não enxerga nelas um objeto de luxo, ora um instrumento de prazer carnal, ora uma boa dona de casa que é também uma boa genitora, ora finalmente uma sócia segura em suas empreitadas industriais ou comerciais, legais ou não? Postulo ser culpa do homem — culpa originária — o fato dele não encontrar com mais frequência mulheres capazes de amizade verdadeira e profunda. E mantenho o que disse, diante das afirmações ou invectivas dos moralistas, clássicos ou não, com relação à inferioridade feminina.

A. O que merece um exame detalhado e sério. Aliás, não é disso que estamos tratando aqui, mas da amizade entre Montaigne e La Boétie. Parece-me lembrar que ele a considerou dotada de qualidades excepcionais.

B. De fato, o início dessa amizade foi como um amor à primeira vista. Montaigne não procura analisar as causas disso — “Porque era ele, porque era eu.” Ele não perdera tempo para se manifestar e não se moldava em “amizades frouxas e regulares”, que precisam de tantas “precauções, de uma conversação longa e prévia.” Sua afeição recíproca era tão ardente e “descoberta até o fundo das entranhas de ambos, que eu conhecia a sua como a minha, mas confiava mais facilmente nele do que em mim.” Aliás, descrevendo



as características dessa amizade, Montaigne escreve que ela ignora a divisão, a diferença, o interesse, as obrigações, o reconhecimento, a súplica, o agradecimento e assim por diante. Tudo é compartilhado entre amigos desse tipo; vontade, pensamento, julgamentos, bens, mulheres, filhos, honra e vida, e como em sua harmonia eles são “apenas uma alma e dois corpos, eles não podem nem emprestar, nem acrescentar nada.” (A Bíblia também diz a respeito de Davi e Jonathan que eles eram apenas “um corpo e apenas uma alma”). Nessa amizade, é aquele que recebe que faz sentir-se obrigado àquele que dá; é aquele que recebe quem proporciona o “contentamento” a seu amigo, “oferecendo-lhe o que ele próprio mais deseja.” Essa amizade é indivisível, cada um se entregando tão inteiramente ao amigo, que não guarda nada para outros, “cada um querendo ser duplo ou triplo ou quádruplo e ser dotado de várias almas e várias vontades para poder oferecê-las ao outro.” A pluralidade das amizades parece-lhe algo vulgar. A amizade que possui a alma rege em toda sua soberania, sendo impossível duplicá-la.

A. É evidente que aqui Montaigne deixa-se arrastar longe demais para sustentar sua tese segundo a qual ter muitos amigos na realidade iguala-se a ter zero amigos. Mas Montaigne não tinha se erguido contra a homossexualidade?

B. Sim, ele declarou que “essa outra licença grega é com justiça abominada nos costumes.” Por outro lado, a superficialidade de tais amores nada lhe diz, mas ele percebia nos gregos “o desejo de uma concepção espiritual por intermédio de uma beleza corporal” e, uma vez que esta tenha fenecido, a esperança, de que através dessa associação mental, das boas graças e da beleza da alma,



Amizade libertária

se possa estabelecer “uma relação mais firme e durável.” Enfim — ele escreve — tudo que possa ser invocado a favor da Academia é que era um amor que terminava como amizade. Aliás, parece que nunca houve atração física entre Montaigne e La Boétie.

A. Acredito me lembrar que essa bela amizade durou pouco tempo.

B. De fato, quatro anos. É da seguinte forma que ele se lamenta disso: “Desde o dia que o perdi, a única coisa que faço é me arrastar de nostalgia, e mesmo os prazeres que me são oferecidos, em vez de me consolarem, duplicam a dor de sua perda. Dividíamos tudo, e parece-me que estou roubando a parte dele. Estava tão afeito e acostumado a ser o segundo que me parece ser apenas metade.”

A. Isso soa um pouco diferente da maioria das amizades contemporâneas, tão pouco profundas e voláteis, tão inconstantes; baseadas no interesse momentâneo ou nos benefícios futuros.

B. Montaigne cita no meio desse famoso capítulo, o seguinte verso de Horácio: “Enquanto eu estiver de posse de minha razão, não encontrarei nada comparável a um suave amigo” e esta frase de Cícero: “A amizade só consegue ser sólida na maturidade da idade e do espírito.” No entanto, La Boétie tinha de 16 a 18 anos quando se tornou amigo de Montaigne. Ele possuía sobretudo a maturidade de espírito, pois Montaigne deu-lhe dezesseis anos quando ele compôs o tratado da *Servidão Voluntária*. De meu lado, penso em primeiro lugar que amizades como essa não podem ser concebidas — fora de quaisquer questões de idade — sem a maturidade de espírito, e em segundo que elas estão ligadas a tempe-



ramentos excepcionais. Devemos nos considerar felizes se encontrarmos um desses “únicos” — homem ou mulher — que não consideram a amizade como um jogo, uma diversão, mas talvez como aquilo que a vida tem de mais importante, a vida. A amizade-catavento só produz amargura e sofrimento. Saibamos escolher nossos amigos — tanto femininos quanto masculinos — é a moral da história deste capítulo.

15 de dezembro de 1943
L'Unique n°4 (outubro 1945)

Tradução do francês por Martha Gambini.

VI

poema para a amiga

Deixei de crer em muitas coisas
Quantas vezes segui, desencantado.
Vi o vento norte dispersar as rosas
Espanjei minha coragem, e esgotado,
Desiludido, fatigado, meu coração quase não bate.
Entusiasmados, iniciamos o trajeto, alçados pela esperança,
Mas no decurso é necessário que se pause.
O tempo voa e a brisa da tarde
Chega e surpreende. Finda a viagem,
E não se encontra abrigo, repouso, piedade:
Apenas a frustrante lembrança da miragem!



Amizade libertária

Malgrado tudo, ainda creio na amizade.
Para mim ela é bem mais que uma palavra,
Uma palavra oca irrefletida
Que um belo dia a futilidade varre
Para mim, ontem como hoje,
Ela será amanhã: poderosa, indestrutível,
Desdenhando os lances de sorte e do destino,
Metal sem fissura, infusível, inquebrantável.
Outra ela não é, senão este instante matutino.
Quero encontrá-la no crepúsculo.
Ser amigo é se entregar inteiro.
Num dom ardente, terno e indomado;
Nada guardar em si, nada oculto,
E um no outro nutrir tal confiança
Que tudo se partilha: prazer e dor.
Tão mais cruel a mordida adversa,
Mais corrosiva a chaga, mais triste o choro,
Mais tenaz o amigo, mais sensível seu abrigo.
Falsos amigos, débeis, fracos pela ausência,
Seu ardor tépido macula
A mais pura ressonância da linguagem.

E. Armand, na prisão, 1940
L'Unique n°4 (outubro 1945)

Tradução do francês por Edson Passetti e Martha Gabini.





$\frac{17}{2010}$

rené char

*livres sous mouvement. Mais livres qui s'introduisent avec
souplesse dans nos jours, y poussent une plainte, ouvrent des
bals.*

*Comment dire ma liberté, ma surprise, au terme
de mille détours: il n'y a pas de plafond. (...)*

In La bibliothèque est en feu

30





verve

Amizade libertária

rené char

livros sob movimento. Mas livros que se introduzem suavemente em nossos dias, lançando um lamento, abrindo bailes.

Como dizer minha liberdade, minha surpresa, e depois de mil voltas: não há fundo, não há teto. (...)

In La biliothèque est en feu



Les compagnons dans le jardin

*L'homme n'est qu'une fleur de l'air tenue par la terre,
maudite pas les astres, respirée par la mort; le souffle et
l'ombre de cette coalition, certaines fois, le surélève.*

Notre amitié est le nuage blanc préféré du soleil.

*Notre amitié est une écorce libre. Elle ne se détache pas
des promesses de notre coeur.*

*Où l'esprit ne déracine plus mais replante et soigne, je
nais. Où commence l'enfance du peuple, j'aime.*

*XXe siècle: l'homme fut au plus bas. Les femmes se
éclairaient et se déplaçaient vite, sur un superplomb où
seuls nos yeux avaient accès.*

A une rose je me lie.

*Nous sommes ingouvernables. Le Seul maître qui nous
soit propice, c'est l'Éclair, qui tantôt nous illumine et tantôt
nous pourfend.*



verve

Amizade libertária

Os companheiros no jardim

O homem não passa de uma flor do ar sustentada pela terra, maldita pelos astros, respirada pela morte; o sopro e a sombra de tal coalizão, por vezes, o sobrelevam.

Nossa amizade é a nuvem branca preferida do sol.

Nossa amizade é uma casca livre. Não pode ser separada das proezas de nosso coração.

Ali onde o espírito já não desenraiza mas replanta e cuida, nasce. Ali onde começa a infância do povo, amo.

Século XX, o homem desceu ao máximo. As mulheres se iluminavam e se deslocavam rapidamente num superpatamar a que só nossos olhos tinham acesso.

A uma rosa me uno.

Somos ingovernáveis. Nosso único senhor propício é o Relâmpago, que ora nos ilumina, ora nos fende.



Éclair et rose, en nous, dans leur fugacité, pour nous accomplir, s'ajoutent.

*Je suis d'herbe dans ton matin, ma pyramide adolescente.
Je t'aime sur tes milles fleurs refermés.*

Prête au bourgeon, en lui laissant l'avenir, tout l'éclat de la fleur profonde. Ton dur second regard le peut. De la sorte, le gel ne le détruira pas.

Ne permettons pas qu'on nous enlève la part de la nature que nous renfermons. N'en perdons pas une étamine, n'en cédon pas un gravier d'eau.

Après le départ des moissonneurs, sur les plateaux de l'Île-de-France, ce menu silex taillé qui sort de la terre, à peine dans notre main, fait surgir de notre mémoire un noyau équivalent, noyau d'une aurore dont nous ne verrons pas, croyons-nous, l'altération ni la fin; seulement la rouger sublime et le visage lève.

Leur crime: un enragé vouloir de nous apprendre a mépriser les dieux que nous avons en nous.

Ce sont les pessimistes que l'avenir élève. Ils voient de leur vivant l'objet de leur appréhension se réaliser. Pourtant la grappe, qui a suivi la moisson, au-dessus de son cep, boucle; et les enfants des saisons, qui ne sont pas



verve

Amizade libertária

Relâmpago e rosa, em nós, em sua fugacidade, para nos realizar, se juntam.

Sou de relva em tua manhã, minha pirâmide adolescente.
Eu te amo sobre tuas mil flores, de novo fechadas.

Disposta ao broto, cedendo-lhe o futuro, todo o esplendor da flor profunda. Teu duro segundo olhar, pode. Assim o gelo não o destruirá.

Não permitamos que nos roubem a parte da natureza que guardamos. Não percamos dela nem um fio, não cedamos nem um seixo de sua água.

Após a partida dos ceifadores, nos planaltos de Île-de-France, esse pequeno sílex esculpido que emerge da terra, apenas em nossa mão, faz surgir de nossa memória um carço equivalente, carço de uma aurora cuja alteração e fim, acreditamos, não iremos ver; apenas o rubor sublime e o rosto erguido.

O crime cometido: uma furiosa vontade de nos ensinar a desprezar os deuses que vivem em nós.

São os pessimistas que o porvir eleva. Em vida, veem se realizar o objeto de sua apreensão. No entanto, as uvas, após a colheita, em cachos coroam o cepo; e os filhos das estações, não reunidos segundo o hábito, prementes



selon l'ordinaire réunis, au plus vite affermissent le sable au bord de la vague. Cela, les pessimistes le perçoivent aussi.

Ah! le pouvoir de se lever autrement.

Dites, ce que nous sommes nous fera jaillir en bouquet?

Un poète doit laisser des traces de son passage, non des preuves. Seules les traces font rêver.

Vivre, c'est s'obstiner à achever un souvenir? Mourir, c'est devenir, mais nulle part, vivant?

Le réel quelques fois desaltere l'espérance. C'est pourquoi, contre toute attente, l'espérance survit.

Toucher de son ombre un fumier, tant notre flanc renferme de maux et notre coeur de pensées folles, se peut; mais avoir en soit un sacré.

L'Histoire n'est que le revers de la tenue des maîtres. Aussi une terre d'effroi où chasse le lycan et que racle la vipère. La détresse est dans le regard des sociétés humaines et du Temps, avec des victoires qui montent.



verve

Amizade libertária

firmam a areia na borda da onda. Isto os pessimistas também notam.

Ah! O poder de levantar-se de outra maneira.

Digam, o que somos nos fará jorrar em buquê?

Um poeta deve deixar pegadas de sua passagem, não provas. Só os vestígios fazem sonhar.

Viver é obstinar-se a consumir uma lembrança? Morrer é tornar-se, mas em parte alguma, vivo?

O real, algumas vezes, mata a sede da esperança. É por isso que, contra toda espera, a esperança sobrevive.

Tocar com nossa sombra um estrume, por serem tantos os males guardados no flanco e pensamentos loucos no coração, isso se permite; mas ter em si um sagrado...

A História é apenas o avesso da roupa dos amos. Também uma terra de pavor onde o Licaon caça, e que a víbora raspa. A miséria está no olhar das sociedades humanas e do Tempo, com vitórias que ascendem.



*Lorsque je rêve et que j'avance, lorsque je detiens
l'innefable, mèveillant, je suis à genoux.*

Luire et s'élaner — prompt couteau, lente étoile.

*Dans l'éclatement de l'univers que nous éprouvons,
prodige! Les morceaux qui s'abattent sont vivans.*

*Ma toute terre, comme un oiseau chargé en fruit dans
un arbre éternel, je suis à toi.*

*Ce que vos hivers nous demandent, c'est d'enlever dans
les airs ce qui serait sans cela que limaille et souffre-douleur.
Ce que vos hivers nous demandent, c'est de préluder pour
vous à la saveur: une saveur égale à celle que chante sous sa
rondeur ailée la civilisation du fruit.*

*Ce qui me console, lorsque je serai mort, c'est que je serai
là — disloqué, hideux — pour me voir poème.*

*Il ne faut pas que ma lire me devine, que mon vers se
trouve ce que j'aurais pu écrire.*

*Le merveilleux chez cet être: toute source, en lui, donne
le jour à un ruisseau. Avec le moindre de ses dons descend
une averse de colombes.*



verve

Amizade libertária

Quando sonho e avanço, quando retenho o inefável, ao despertar estou de joelhos.

Luzir e lançar-se — rápida faca, lenta estrela.

Na explosão que experimentamos do universo, prodígio!
Os pedaços que caem estão vivos.

Minha querida terra, tal pássaro carregado em fruto
numa árvore eterna, sou teu.

O que seus invernos nos pedem é que levantemos
pelos ares aquilo que sem isso não passaria de limalha e
bode expiatório. O que seus invernos nos pedem, é que
preludiemos por vocês ao sabor: um sabor igual ao que a
civilização do fruto canta sob sua redondeza alada.

Isto me consola: quando estiver morto, estarei aí — desa-
gregado, repugnante — para me ver poema.

Não preciso que minha lira me adivinhe, que meu verso
desvele o que eu poderia ter escrito.

O maravilhoso neste ser: toda fonte, nele, dá a luz
um riacho. Com o menor de seus dons provoca uma
tempestade de pombas.





$\frac{17}{2010}$

Dans nos jardins se préparent des forêts.

*Les oiseaux libres ne souffrent pas qu'on les regarde.
Demeurons obscurs, renonçons à nous, près d'eux.*

Ô survie encore, toujours meilleure!

In La parole en archipel 1952-1960

40





verve

Amizade libertária

Em nossos jardins preparam-se florestas.

Os pássaros livres não suportam ser observados. Em sua proximidade, sigamos obscuros, renunciemos a nós mesmos.

Oh, sobrevivência, cada vez melhor!



In La parole en archipel 1952-1960



L'éternité, à Lourmarin
Albert Camus

À Jean-Paul Samson

Il n'y a plus le ligne droite ni de route éclairée avec un être qui nous a quittés. Où s'étourdit notre affection. Cerne après cerne, s'il approche c'est pour aussitôt s'enfuir. Son visage parfois vient s'appliquer contre le nôtre, ne produisant qu'un éclair glacé. Le jour qui allongeait de bonheur entre lui et nous n'est nulle part. Toutes les parties — presque excessives — d'une présence se sont d'un coup disloqués. Routine de notre vigilance... Pourtant cet être supprimé se tient dans quelque chose de la rigide, de désert, d'essentiel en nous, où nos millénaires ensemble font juste l'épaisseur d'une paupière tirée.

Avec celui que nous aimons, nous avons cessé de parler, et ce n'est pas le silence. Qu'en est-il alors? Nous savons, ou nous croyons savoir. Mais seulement quand le passé qui signifie s'ouvre pour lui livrer passage. Le voici à notre hauteur, puis loin, devant.

À l'heure de nouveau contenue ou nous questionnons tout le poids d'énigme soudain commence la douleur, celle de compagnon à compagnon, que l'archer, cette fois, ne transperce pas.

René Char

Témoin n° 23 (mai 1960)



verve

Amizade libertária

A eternidade em Lourmarin Albert Camus

A Jean-Paul Samson

Não subsiste linha reta nem estrada iluminada com um ser que nos deixou. Onde nossa afeição se atordoa? Se ele se aproxima, círculo após círculo, é para logo se enterrar. Seu rosto por vezes vem se colar contra o nosso, produzindo apenas um brilho gelado. O dia que alongava a felicidade entre ele e nós não se encontra em lugar algum. Todas as partes — quase excessivas — de uma presença, imediatamente se desagregaram. Rotina de nossa vigília... No entanto, esse ser suprimido mantém-se em algo de rígido, de deserto, de essencial em nós, onde todos nossos milênios somam exatamente a espessura de uma pálpebra fechada.

Deixamos de falar com quem amamos e o silêncio não se faz. O que se passa então? Sabemos, ou pensamos saber. Mas apenas quando o passado que significa abre-se para lhe dar passagem. Ei-lo a nossa altura, depois longe, adiante.

Na hora novamente contida em que questionamos todo o peso de enigma, subitamente começa a dor, de companheiro a companheiro, que o arqueiro, desta vez, não transpassa.

René Char

Témoïn n° 23 (maio 1960)





$\frac{17}{2010}$

contrevenir

*Obéissez à vos porcs qui existent. Je me soumetts à mes dieux
qui n'existent pas.*

Nous restons gens d'inclemence.

In Quitter





verve

Amizade libertária

transgressão

Obedeça aos seus porcos que existem. Eu me submeto
aos meus deuses que não existem.

Permanecemos gente de inclemência.

In Quitar

Tradução do francês por Edson Passetti e Martha
Gambini.

Indicado para publicação em 8 de fevereiro de 2010.

